

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 1 | Número 2 | 2012.1

Apresentação

Presentation

Marcia Severina Vasques

Professora Adjunta do Departamento de História - UFRN.

Doutora em Arqueologia - USP.

Raimundo Pereira Alencar Arrais

Professor Associado do Departamento de História - UFRN.

Doutor em História - USP.

Renato Amado Peixoto

Professor Adjunto do Departamento de História - UFRN.

Doutor em História - UFRJ.

Revista Porto 1 (2): 1-2 [2012]

REVISTA PORTO

Prezado leitor,

Como pode ser verificado na leitura dos artigos que se seguem, a diretriz estabelecida pela revista PORTO, apresentada no seu número inaugural, foi integralmente mantida neste segundo número, uma vez que o espaço, como um problema que pode ser apreendido em perspectiva histórica, percorre e fecunda esse conjunto de artigos. Dentro desse conjunto, os três primeiros artigos exibem uma feliz convergência: a perspectiva colocada em enfoques espaciais amplos, sem deixarem de lado o trabalho de tessitura produzido nas rotinas, o impacto das conjunturas, o papel decisivo dos atores. Esse pequeno conjunto de artigos podem ser localizados dentro daquele campo que, no sentido o mais amplo possível, chamaremos aqui de “relações internacionais”.

Sylvie Brunel, geógrafa e escritora francesa, que percorreu o Brasil em viagem de estudos no ano de 1985, retornando ao país em 2010, amorosa da Terra e das terras por onde tem andado, nos oferece um depoimento sobre esses dois brasis separados por um quarto de século. Em livro recente, *Géographie amoureuse du monde* (Paris: JC Lattès, 2011, p. 13), Brunel reafirma seu compromisso de geógrafa e habitante do mundo: “Viajar, interrogar as paisagens, saber compreender a profundidade dos territórios, ligar os homens a seus meios – esses meios que condicionam seu uso do mundo, mas que eles sabem também transformar para os modelar segundo suas expectativas e suas necessidades – eis a força da Geografia”. Foi desse livro, ganhador do Grande Prêmio da Academia literária da Bretanha e do Pays de Loire, que ela extraiu o capítulo 7, autorizando-nos a tradução, sob a forma do artigo que aparece com o título “De uma região ruína à nova Califórnia do Brasil: a reviravolta do Nordeste”.

No artigo seguinte, um substancial ensaio na tradição do debate de opiniões e da polêmica, “Processos decisórios no âmbito da política externa do Brasil”, o diplomata e professor Paulo Roberto de Almeida, estudioso do Brasil e das relações internacionais, analisa a política exterior formulada e posta em prática pelo governo Lula (2003-2010), apontando as mudanças de orientação nos processos decisórios da diplomacia brasileira do período. O artigo de Raimundo Arrais, “O nascimento de um arquipélago: o arquipélago de *São Pedro e São Paulo* e a presença do Estado brasileiro no Oceano Atlântico”, procura reconstituir como se deu a lenta incorporação ao território brasileiro, no século XX, dos pequenos rochedos situados no Atlântico, discutindo o papel do Estado e da pesquisa científica nesse processo. O artigo de Kátia Camargo, “Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista”, reconstitui

um aspecto da circulação de ideias entre o Velho Continente e o Novo no século XIX, focalizando a célebre *Revue des Deux Mondes*, seus autores e leitores brasileiros, destacando um leitor em especial, o visconde de Taunay, e o peso das leituras francesas na formulação de ideias sobre o povo e a terra do Brasil.

Maria Izilda Santos de Matos, no artigo “Santos: porto, deslocamentos e representações”, direciona o seu exame para o grande porto brasileiro não com o intuito de avaliá-lo como ponto de inserção paulista na economia mundial, não para observar o trajeto da circulação de mercadorias e bens, mas para reconstituir os rastros de personagens, os sinais das vivências e a entrada do porto no domínio da memória na celebração do Centenário em 1922. Com o artigo de Iranilson Buriti passamos do porto às ruas, de Santos ao Recife, o autor se lançando no enalço dessa agitação que confere vida e sentidos à cidade. “Poéticas do espaço: práticas de consumo e sensibilidades nos anos 20 (século XX)” lança interrogações ao painel fragmentário dos indivíduos que habitavam a então capital regional do Nordeste, que percorriam e consumiam as ruas do Recife, vitrine móvel, fraturada e multifacetada.

Por fim, as duas resenhas, de Renato Amado Peixoto, sobre o livro “Adam Smith em Pequim”, de Giovani Arrighi e de Márcia Severina Vasques, sobre o livro “Imperialism, power, and identity. Experiencing the Roman Empire”, de David Mattingly, se voltam para duas obras essenciais para os estudos históricos atuais e também para as relações internacionais.

A primeira resenha discorre sobre um livro seminal para o estudo das relações internacionais contemporâneas, buscando apontar que os intelectuais brasileiros compreenderam essa obra de modo diferente do que foi feito pelos intelectuais estadunidenses. A segunda resenha trata de um tema bastante atual nos estudos sobre o Império Romano e motivo de vários debates acadêmicos: a relação entre Imperialismo, Identidade e Poder. Na linha dos Estudos Pós-coloniais David Mattingly apresenta, em vários ensaios, questões teóricas e metodológicas próprias da Arqueologia Romana voltada para a análise da relação entre romanos e nativos nas regiões conquistadas.